

'Fat studies' e a produção de conhecimento situado: Notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso¹

Beatriz Klimeck Gouvêa Gama

Rogério Lopes Azize

Desde 2013, acadêmicos e ativistas se reúnem anualmente na International Weight Stigma Conference a fim de discutir suas produções, as quais, na maioria dos casos, situam-se no campo dos *fat studies* (em tradução livre, “estudos sobre a pessoa gorda”). Estas são observações produzidas por um olhar etnográfico sobre a sexta edição, na Inglaterra, em 2018, e pelo acompanhamento da hashtag do evento no Twitter. A partir da dinâmica de produção de conhecimento sobre e a partir de corpos gordos, foi possível observar tensões estabelecidas pelas escolhas linguísticas, o repensar dos paradigmas biomédicos sobre “obesidade” à luz da justiça social e um espaço de acolhimento possível dentro das formalidades de um congresso acadêmico.

Palavras-chave: fat studies, gordofobia, estigma do peso corporal, conhecimento situado, antropologia da saúde

Since 2013, activists and academics have come together annually at the International Weight Stigma Conference to discuss their productions, which are mostly situated in the field of “fat studies”. **“Fat studies” and the production of situated knowledge: Notes on the 6th International Weight Stigma Conference** presents observations produced by an ethnographic view on the sixth edition in England in 2018, and a follow-up of the event’s hashtag on Twitter. From the dynamics of knowledge production about and from fat bodies, it was possible to observe tensions established by word choices, rethinking of biomedical paradigms about “obesity” from a social justice perspective and the possibility of embrace within the formalities of an academic conference.

Keywords: fat studies, fatphobia, weight stigma, situated knowledge, anthropology of health

Mestranda em saúde coletiva do Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil) e graduada em ciências sociais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, Rio de Janeiro, Brasil).

E-mail: klimeckbeatriz@gmail.com

Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) do IMS da Uerj. É doutor e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) e graduado em ciências sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Florianópolis, Brasil).

E-mail: rogerioazize@hotmail.com

Em meio a centenas de postagens nas redes sociais, vi uma chamada prorrogada para submissão de pôster na 6th International Weight Stigma Conference (WSC). Foi dessa maneira que descobri a existência do evento que, dentro de mais ou menos um mês, reuniria grandes nomes do campo científico dos *fat studies* em uma pequena cidade na Inglaterra. Considerei, então, a possibilidade de apresentar resultados de uma pesquisa recentemente concluída em formato de monografia na graduação em ciências sociais, na qual explorei histórias de vida de duas mulheres que “viviam de dieta” e de uma em tratamento para anorexia nervosa. Uma das discussões do meu trabalho foi o papel do estigma em relação a corpos maiores nos diagnósticos de transtornos alimentares, tema que pareceu relevante para a proposta do congresso.

Ao fim e ao cabo, além de poder comparecer e apresentar a pesquisa, o evento mostrou-se um campo fértil para novas reflexões, por seu conteúdo, mas também por sua forma, organização e conflitos. Inspirada por trabalhos como o de Azize (2010), faço aqui uma reflexão a partir do que pude perceber e acompanhar no congresso.

Segundo Pierre Bourdieu, o “monopólio da competência científica” é o que está em disputa para o campo científico (BOURDIEU, 1976, p. 122). O campo dos “*fat studies*”, ou “estudos sobre a pessoa gorda” (tradução livre), posiciona-se criticamente em relação aos estudos sobre o “fenômeno da obesidade” que vêm sendo produzidos ao longo das últimas décadas. Constitui-se em um campo multidisciplinar que gera conhecimento científico sobre outras possibilidades e potencialidades para corpos gordos, para além dos papéis já cristalizados e estigmatizados. Estudos sobre corpo, gênero e sexualidade, sociabilidades, ciência, reflexões médicas, jurídicas e também narrativas autorais com um olhar para a autonomia e a humanidade desses corpos compõem tal campo. Trabalhos como o de Mirani Barros (2017) começam a constituir e pautar ativamente os *fat studies* no Brasil, apesar de pesquisas sobre corpos gordos não serem novidade por aqui.

Seguindo uma tradição que não acredita na dissociabilidade entre sujeito e objeto de pesquisa, boa parte dos/as pesquisadores/as dos *fat studies* é também ativista pela causa – e, geralmente, uma pessoa gorda. Além disso, é um campo de pesquisa predominantemente feminino, com fortes posicionamentos feministas. A autora que realizou este trabalho de campo não foge à regra em alguns desses aspectos; meu conhecimento é, então, situado. Sou pesquisadora, mas também

1. Agradecemos ao Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil) pelo financiamento e à organização do evento, que concedeu isenção na inscrição, possibilitando a ida ao Congresso. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

ativista e voluntária de uma organização internacional pelo combate aos transtornos alimentares.

O congresso, portanto, firmou-se como um espaço também multidisciplinar dedicado a debater coletivamente os estudos sobre o estigma que recai sobre o peso corporal e, principalmente, sobre as pessoas gordas. Um dos trabalhos apresentados na primeira edição, também realizada na Inglaterra, cita a frase “Nothing about us without us” (“Nada sobre nós sem nós”), originária do movimento de pessoas com deficiência, reforçando a relação direta dos autores com seus sujeitos de pesquisa – algumas vezes, eles mesmos – e a necessidade desse ativismo ocupar um espaço político de produção de saber compartilhado, ganhando voz ativa, agência e autoridade para falar de sua própria experiência, sobre e a partir de seus corpos e suas vidas.

Analiso a seguir o evento em seu sentido mais amplo, explorando meu passeio pelas suas diversas atividades, que envolvem sempre escolhas, mas também um olhar analítico sobre seus mecanismos de divulgação, como o site na internet, no qual se registram manifestos importantes, além das reações que ocorriam on-line em tempo real, já que o evento era comentado através da rede social Twitter.

O congresso

A sexta edição do WSC aconteceu no Cloth Hall Court, centro de conferências na cidade de Leeds, na Inglaterra, nos dias 18 e 19 de junho de 2018. Como tinha sido aprovada para apresentar um pôster, carregava o meu ao adentrar o prédio. Logo avistei uma mesa para o credenciamento com nossos crachás. Ali mesmo, Angela Meadows, importante ativista, doutora em psicologia e também idealizadora e organizadora do evento, oferecia cópias do livro *You Have the Right to Remain Fat*, da autora Virgie Tovar (2018) (lançado em português com o título *Meu corpo, minhas medidas*), que ainda não havia sido oficialmente lançado no Reino Unido. Importante ativista no campo, a venda do livro de Tovar já apontava indícios de um posicionamento por parte da organização em relação ao tema, visto que o texto costura teóricas gordas e relatos pessoais para traçar questões fundamentais do campo dos *fat studies* e também propor uma espécie de “manifesto” (como diz o subtítulo em inglês) para mulheres gordas. Comprei minha cópia e adentrei a sala de refeições, na qual uma bancada de café da manhã estava disposta para nós e onde comemos nos dois dias de evento.

Algum tempo depois, uma maioria esmagadora de mulheres (não consigo lembrar de mais de cinco homens no espaço) ocupou as dez mesas do auditório principal. Mesas amplas, garrafas de

água no centro e, geralmente, oito cadeiras resistentes dispostas ao redor delas – exceto na frente, para que enxergássemos os e as palestrantes. Os lugares não eram marcados e a disposição em mesas parecia criar algum sentido de coletividade que acredito que não estaria presente em um auditório convencional, com cadeiras coladas lado a lado. Em alguns momentos, simpósios simultâneos ocorriam em outras salas, que respeitavam a mesma acessibilidade, e cujo acesso era possível por elevadores.

Apesar da clara preocupação com acessibilidade na logística do evento, algumas barreiras às pessoas gordas se mostram, infelizmente, intransponíveis. Uma palestrante, autora reconhecidíssima no campo, fez sua apresentação oral via Skype, pois as poltronas de avião não comportam seu tamanho corporal, o que a restringia de viajar até o encontro. Mesmo não se mostrando tão abalada pela situação e trazendo outras discussões teóricas a respeito de gordofobia que não falavam só de sua experiência, sua presença virtual pareceu não apaziguar um forte sentimento coletivo de compaixão e revolta pelo impedimento à sua participação física no evento.

Os trabalhos apresentados compunham diversa seleção de temas a respeito do estigma, como legislações pelo mundo, políticas públicas, possibilidades de intervenção e representações na mídia. Psicólogos, sociólogos e nutricionistas eram algumas das profissões dos(as) pesquisadores(as) com os quais conversei nos dois dias de evento. Dentre os participantes, alguns nem sequer conheciam o campo dos *fat studies*, e seus trabalhos (ou interesses, no caso de ouvintes) tangenciavam o tema do estigma em relação ao peso corporal de diversas formas, boa parte lançando mão da análise de Erving Goffman (1988) sobre estigma, mesmo que apenas citando o nome do autor.

Palavras que informam posições

No site do evento, junto a informações mais pragmáticas como valores de inscrição e palestrantes confirmados nas edições, podemos localizar uma aba chamada “Publicações”. Nela, estão dezenas de referências bibliográficas, a maioria no campo dos *fat studies*, divididas por temas como “terminologia”, “saúde pública”, “mídia” e “interseccionalidades”. Sobre terminologia, lemos:

Nossa preferência é pelo uso dos termos “estigma do peso corporal” ou “enviesamento gordofóbico” em resumos e apresentações na WSC ao invés de “estigma da obesidade”. Inclusive preferimos que o uso de “person-first language” seja evitado. Os dois artigos abaixo explicam essa posição. De todo modo, essas são diretrizes e não

2 Tradução livre. No original: “Our preference is for the use of the terms “weight stigma” or “anti-fat bias” in WSC abstracts and presentations, rather than “obesity stigma”. We also prefer that person-first language be avoided. The following two papers explain this position. However, these are guidelines and we will not insist on specific terminology.” Disponível (on-line) no site da WSC: <https://stigmaconference.com/publications/>

insistiremos em terminologia específica.²

Se, no texto do evento, as escolhas terminológicas soam como diretrizes possíveis e não obrigatórias, a experiência durante o seminário mostrou que não se trata de um deslizamento semântico inócuo, já que havia importantes posicionamentos a partir de tais escolhas, que falavam de vinculações, alianças e conflitos.

O termo “obesidade” e seu variante “obeso(a)”, por exemplo, são apresentados como neutros pela literatura biomédica, mas segundo o primeiro artigo recomendado nessa sessão do site, seriam problemáticos e enviesados, pois transformam uma quantidade de gordura corporal ou um tamanho de corpo em uma doença – o que, em si, não pode ser considerado neutralidade (MEADOWS e DANÍELSDÓTTIR, 2016. pp. 1-2). Da mesma forma, “acima do peso” traria a noção de que há um peso “ideal” e que a pessoa estaria fora do que é correto. Apesar de sugerir um artigo específico para a leitura, escrito inclusive pela organizadora do evento, a proposta de utilizar tais termos biomédicos é amplamente conhecida e adotada pelo campo dos fat studies, visto que a despatologização do corpo gordo fora uma das primeiras pautas da militância gorda e permanece sendo uma das principais.

“*Person-first language*” é uma proposta que surge no campo das deficiências a fim de não colocar a condição do indivíduo na frente do próprio: o termo “deficiente” se tornaria “pessoa com deficiência”, segundo a proposta. No caso de pessoas gordas, portanto, em vez de “obeso”, propõe-se a utilização de “pessoa com obesidade” (KYLE e PUHL, 2014, p. 1211). Nesse formato, o peso corporal ainda é visto como um problema, uma condição negativa do indivíduo, uma vez que o termo “obesidade” marca uma condição médica, quando não uma epidemia; por essa razão, muitos ativistas sugerem o uso do termo “gordo(a)” simplesmente, devido ao seu caráter mais descritivo.

O segundo artigo sugerido (LOZANO-SUFRATEGUI et al., 2016) refere-se a um guia criado pelo National Institute for Health and Care Excellence (Nice) que, apesar de atentar para o estigma que pessoas gordas sofrem, utiliza os termos “obeso(a)” e “acima do peso”, ignorando a ampla literatura produzida em relação a tais termos que abarca a discussão citada anteriormente.

Um(a) palestrante (que manterei anônimo/a) convidado(a), no entanto, rompeu com a linguagem acordada. O auditório assistiu à sua fala em silêncio, sem intervenções, mas, no espaço virtual, as reações eram de muita indignação. Por ter sido responsável por cobrir ao vivo o evento para a organização da qual sou voluntária, acompanhava a todo momento a *hashtag* do

evento no Twitter, que reunia comentários de diversos participantes presentes na sala.

O(a) palestrante utilizava, a todo momento, a expressão “*non-ideal weight*” (“peso não ideal”) para definir pessoas gordas, o que gerou diversos *tweets* de revolta. Na rede social, pessoas relataram, acredito que hiperbolicamente, desejar sair correndo, gritar ou vomitar durante a palestra. Em um *tweet*, uma pessoa dizia esperar que um palestrante de um congresso com tal tema – justamente, o estigma – escolhesse melhor suas palavras para evitar reproduzir discriminações. Outras pessoas relataram ter compreendido como um esforço – problemático, pois reforça a ideia de que existe um peso ideal – da parte do(a) convidado(a) em tentar adequar sua linguagem e fugir de termos como “obeso(a)”, mas ali mesmo outra participante avisou que o termo utilizado pelo palestrante seria comumente utilizado na literatura jurídica.

Ao final da palestra, o perfil oficial do evento anunciou a próxima apresentação dizendo que a pressão arterial e a frequência cardíaca coletivas na sala estariam, então, voltando ao normal, em uma clara manifestação de indignação em relação à fala anterior. Na sequência de *tweets* de outros perfis, uma menção a um episódio ocorrido em anos anteriores me levou, em busca posterior, até uma palestrante que fez sua apresentação sobre supostos benefícios do estigma contra pessoas gordas, sendo eles relacionados à perda de peso e ao controle da obesidade enquanto epidemia: justamente a perspectiva que o evento viria combater.

Medicina como justiça social

Donna Haraway propõe uma epistemologia feminista. Segundo a autora, todos os olhos são “sistemas de percepção ativos” (HARAWAY, 1995, p. 22) e uma tentativa de uma abordagem universal e neutra tende a ser masculina e limitadora. Na mesma linha, os pesquisadores dos *fat studies* acreditam que analisar corpos gordos sob a perspectiva da “obesidade” não é um olhar neutro, apesar do quanto as categorias do sistema biomédico estão inseridas em nosso cotidiano.

A conferência de abertura foi realizada pela nutricionista e poeta Lucy Aphramor. Juntamente com Linda Bacon, Aphramor é responsável pela criação de um paradigma teórico que repensa os estudos sobre obesidade, chamado “Health at Every Size” (HAES) (“saúde em todos os tamanhos”). Ela, diferentemente da maioria das mulheres presentes na sala, é magra, e sua fala foi amplamente aplaudida.

Esse paradigma é situado em relação a outros por Nutter et al. (2016), que nos apresenta três perspectivas analíticas e práticas

acerca dos estudos da “obesidade” e do emagrecimento: a perspectiva centrada no peso corporal, a não-centrada no peso e a saúde em qualquer tamanhos. Algumas “lentes” ou enquadramentos são apontados em cada perspectiva, como a “teoria da atribuição” naquela que é centrada no peso, que se concentra no equívoco (segundo os autores) de se acreditar que o peso corporal é algo que pode ser moldado pelo indivíduo a partir de sua força de vontade. A “idealização do magro-ideal” e a “teoria da comparação social” também decorrem dessa perspectiva, comum na área da saúde. Os termos utilizados por essa perspectiva costumam ser “acima do peso” e “obeso”, de maneira a rotular o ser humano a partir do seu peso corporal.

Já a perspectiva não-centrada no peso ou “centrada na saúde” é crítica ao discurso do combate à obesidade, além de enxergar as interseccionalidades que afetam as vidas das pessoas gordas. A importância estaria para além dos corpos – que não deveriam ter centralidade –, residindo nas potencialidades daquele corpo e na possibilidade deste de estar saudável. O feminismo pós-estruturalista e parte dos *fat studies* são posicionados, no artigo, nessa perspectiva.

Para o HAES, a saúde adquire centralidade em um âmbito mais amplo, considerando a saúde emocional e física e o bem-estar de pessoas de quaisquer tamanhos, priorizando uma relação saudável com a comida independentemente do peso corporal.

A partir das três perspectivas, os autores propõem uma revisão dos determinantes sociais da saúde como uma quarta possibilidade. A nova possibilidade apresentada pelo artigo incorpora um posicionamento já presente nos ativistas, que é considerar o viés do peso e o estigma gordofóbico não só como uma questão social, mas como uma questão de *justiça* social, assim como racismo, classismo, machismo e LGBTfobia.

A fala de Aphramor no congresso expôs novas questões para a autora, segundo a própria. O título de sua conferência, que pode ser traduzido como “Prevenindo estigma contra pessoas gordas e reparando danos: Uma resposta prática, pragmática e radical para avançar na justiça de peso através de políticas de saúde pública e conversas cotidianas” (2018), já apontava para o conteúdo: ressaltou o quanto acredita na importância do HAES, mas que este não dá conta do viés do peso e do estigma direcionado a pessoas gordas, alinhando-se com a quarta perspectiva colocada acima. O teor da sua conferência foi, portanto, repensar o que vinha produzindo durante tantos anos de carreira e o quanto sua abordagem, por melhor intencionada que fosse, poderia provocar um apagamento da experiência de pessoas gordas.

Uma abordagem acerca do peso corporal que considerasse a justiça social na saúde se concentraria em construir uma sociedade mais justa, mais igualitária, na qual os direitos das pessoas gordas fossem garantidos, assim como condições socioeconômicas e políticas para todos.

Acolhimento

Por mais solitária que a produção de conhecimento acadêmico possa ser, principalmente nas ciências humanas, a reunião anual parece, em minha leitura, organizar de alguma forma um campo científico e uma agenda política compostos por representantes espalhados pelo mundo (principalmente na Europa e nos Estados Unidos).

Algumas das apresentações fugiram do formato padrão de apresentação de pesquisa acadêmica. Uma palestrante apresentou imagens de diferentes cadeiras que já haviam feito-a sentir como se o mundo não fosse feito para ela e não permitisse a seu corpo existir como é. Aphramor declamou uma poesia ao final de sua fala e fez uma provocação para que a poesia pudesse se fazer presente na escrita de artigos. Reconheceu também, contudo, que possui grande privilégio de estar em tal ponto de sua carreira no qual possa ousar negar ou brincar com a linguagem acadêmica. A autora, que já foi premiada com sua performance “The Naked Dietitian”, afirma direcionar seu trabalho para a construção de uma sociedade mais justa, e acredita que a poesia alcança espaços que a academia não consegue.

Para além das apresentações, todo o espaço parecia organizado para, de fato, ser um espaço de acolhimento, e as falas durante e após o evento reforçavam a importância da realização do congresso anualmente. Visto que a imensa maioria da produção técnica mundial sobre gordura corporal, corpos gordos e “obesidade” desumaniza, objetifica e estigmatiza essas pessoas, uma produção de conhecimento encarnado, a partir da materialidade daqueles corpos, se mostra fundamental para dar voz e incentivo para que essas pessoas produzam uma ciência que as represente.

Referências

APHRAMOR, L. (2018), “Preventing Fat Stigma and Repairing Harm: A Practical, Pragmatic, Radical Response for Advancing Weight Justice Through Public Health Policy And Everyday Conversation”. Em: 6th Annual Weight Stigma Conference, 2018. Leeds, Inglaterra.

AZIZE, Rogerio L. (2010), “Notas de um ‘não-prescritor’: Uma etnografia entre os estandes da indústria farmacêutica no congresso brasileiro de psiquiatria”. Em: MALUF, Sônia W. [e] TORNQUIST, Carmen S. (orgs.) Gênero, saúde e aflição: Abordagens antropológicas. Florianópolis, Letras contemporâneas.

BACON, Linda. (2013), *Health at Every Size*. Dallas, BenBella Books.

BARROS, Mirani. (2017), *Um lugar para ser gorda: Afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores*. Dissertação (mestrado), PPGSC, IMS, Uerj.

BOURDIEU, Pierre. (1976[1983]), “O campo científico”. Em: ORTIZ, Renato (org.), *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo, Ática, pp. 122-155.

CAMERON, Erin [e] RUSSELL, Constance. (2016), *The Fat Pedagogy Reader: Challenging Weight-Based Oppression Through Critical Education*. Nova York, Peter Lang.

GOFFMAN, Erving. (1988), *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade*. Rio de Janeiro, Guanabara.

HARAWAY, Donna. (1995), “Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos pagu*, nº 5, pp. 7-41.

KYLE, Theodore [e] PUHL, Rebecca. (2014), “Putting People First in Obesity”. *Obesity*, Vol. 22, n. 5, pp. 1211-1211.

LOZANO-SUFRATEGUI, Lorena; SPARKES, Andrew [e] MCKENNA, Jim. (2016), “Weighty: NICE's Not-So-Nice Words”. *Frontiers in Psychology*, Vol. 7, pp. 1919.

MEADOWS, Angela [e] DANÍELSDÓTTIR, Sigrún. (2016), “What's in A Word? On Weight Stigma and Terminology”. *Frontiers in Psychology*, Vol. 7, pp. 1527.

SAGUY, Abigail. (2012) *What's Wrong With Fat?* Oxford, Oxford University Press.

TOVAR, Virgie. (2018a), *You Have the Right to Remain Fat*. New York, Melville House UK.

_____. (2018b), *Meu corpo, minhas medidas*. São Paulo, Primavera Editorial.